

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno. 45000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 15 — VOL. III.

Sabbado 2 de Abril de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno. . . . 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte). . . 58000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Esboço sobre a litteratura ingleza. continuação — A expulsão dos hollandezes do Brazil, continuação — O urso — A cidade de Coimbra, continuação — Uma revolução na India portugueza, continuação — A porta de S. Paulo e o tumulto de Caio Cestio em Roma — Memorias do coronel, continuação — Alva Estrella, continuação — Miscellanea. GAVINAS — Tumulto de Abelard e de Heloisa — O urso — A porta de S. Paulo e o tumulto de Caio Cestio em Roma — Cidade de Coimbra.

Historia da actualidade.

Estão abrindo-se as letras do mostrador do relogio que se hade sobrepôr ao fecho do arco da rua Augusta na Praça do Commercio.

N'estes tres ultimos mezes deram-se dois casos de transmissão de mormo, n'um soldado e n'um sargento do regimento de lanceiros.

O rendimento do imposto sobre o pescado no anno de 1858, foi de 62.952,8020 réis.

Do mappa e relatorio d'esta repartição do pescado, conhece-se que as nossas costas e rios produzem cento vinte e seis variedades de peixe, e dezenove de marisco.

Acha-se actualmente no Porto um acrobata, o senhor Dalló, que já fez uma ascensão.

Deu-se novo vigor ha uma semana para cá ás obras do paredão do sul da barra d'Aveiro.

Na freguezia de Forninhos grassa actualmente uma febre de caracter maligno.

Confia-se, segundo annunciam as ultimas folhas estrangeiras, que a agitação da Austria, Sardenha e Italia cesse, reunindo-se o congresso que se vae convocar para regular as questões italianas.

A França tem reunido grandes massas de tropas nos departamentos proximos aos Alpes, as quaes dentro de poucos dias os poderão atravessar no caso de guerra.

Vão sair as duas corvetas a vapor *Bartholomeu Dias*, e *Sagres*, para conduzirem a Lisboa o principe Jorge, de Saxonia, cujo consorcio com sua alteza a senhora infanta D. Maria Anna deve ter logar n'esta capital no decurso do proximo mez de Maio.

Ámanhã, domingo, será a ultima tarde em que funcione na praça do Campo de Sant'Anna a companhia equestre que ahi tem dado varias funcções.

Sexta feira d'esta semana teve logar a procissão de Passos saída da egreja do Desterro.

Chegaram a Londres os refugiados italianos, que, deportados de Napoles, obrigaram o commandante do navio que os conduzia para a America a

demandar a costa britannica. Foram recebidos com musica e bandeiras.

Acha-se em Lisboa um encarregado do governo britannico para ajustar uma convenção de portes de correio com Portugal.

Esteve muito concorrido o baile de mascarar, que na quarta feira da corrente semana teve logar no café-concerto.

Falla-se na substituição do senhor visconde de Torres Novas no governo da India pelo senhor barão do Zezere.

Do thesouro publico passou em saldo do mez de Fevereiro para o mez de Março a quantia de réis 102.149\$414.

No mez passado houve em Roma duas canonicasções. Foram as dos beatos João de Rossi, sacerdote genovez, e João Sarcauder, tambem sacerdote, da Moravia.

O rei de Napoles acha-se gravemente enfermo.

Celebrou-se com toda a pompa religiosa em Turim o anniversario da batalha de Novara.

Annunciaram-se para a Pascoa varios bailes nas assembleas.

O senhor visconde de Torres Novas foi proclamado esta semana deputado por Santarem na camara electiva.

Foi acceito na camara dos dignos pares o senhor visconde de Gouvêa, filho do digno par o

senhor Serpa Pimentel, e irmão do actual ministro das obras publicas.

Tumulo de Abelard e de Heloisa.

Este pequeno, mas elegante monumento, levantado no anno de 1800 por Alexandre Lenoir, no cemiterio do *Pere Lachaise*, foi construido com materiaes aproveitados da abbadia de S. Diniz. Tem a forma de uma capella, e ahi repoisam as cinzas d'aquelles infelizes amantes, cuja historia é bem conhecida.

Mr. de Lamartine, em duas linhas, explica o motivo da constante homenagem que o povo tributa ao referido tumulo. Diz elle: — «que as cinzas de Abelard e de Heloisa parece terem um parentesco *terno e eterno* com todas as gerações que se succedem no mundo.»

Esboço sobre a litteratura ingleza.

Continuação.

JOHN HEYWOOD.

Foi com este poeta que teve principio a escola dramatica ingleza. Estreiou uma nova epoca, afastando-se dos autos religiosos, e introduzindo o entremez ou farça, sob o mesmo nome de auto, que conservou.

Nasceu em 1500 em North Mims, Hertfordshire, e foi educado em Pembroke College, ou Broadgate Hall, Oxford, passando depois a Londres, onde se diz que travara conhecimento com sir Thomas More. Possuia tão vasto talento na musica, que agradava a todos, sobretudo a Henrique VIII. Maria, tomando posse do throno, elevou-o a seu favorito. Depois da morte d'esta rainha, começando a erguer-se o poder protestante, e sendo elle catholico, retirou-se para Mechlin, em Flandres, onde morreu em 1565. Deixou dois filhos, distintos ambos na companhia de Jesus.

Escreveu quinhentos epigrammas, de que lhe veiu o cognome de *Epigrammista*.

The four P's (Os quatro ps) Obra curiosa e interessante pelos ditos satyricos de que está recheada — A Dialogue containing in effect the number of all the Proverbs in the English tongue compact, in a matter concerning two marriages (Dialogo contendo todos os proverbios da lingua ingleza, sobre



Tumulo de Abelard e de Heloisa.

uma materia pertencente a dois casamentos) — The spider and the fly (A mosca e a aranha) parabola impressa em 4.º

As seguintes produções, a que hoje chamaríamos farças ou entremeses, pois tendem mais para o jocoso que para o serio, são também de Heywood. — The play of love (O auto do amor) — Ibid of the weather (O auto do tempo) — A merry play between the pardoner and the frere, the curate and neighbour Pratte (Um auto jocoso entre o perdoador e o frade, o cura e o visinho Pratte) — A play of gentleness and nobilitie (Um auto de gentileza e nobreza) — A merry play between John the husbandman, Tyb the wife, and sir John the Priestre (Um auto jocoso entre João o lavrador, Tyb sua mulher, e sir John o padre).

HENRY HOWARD, EARL OF SURRY.

A educação do nobre d'outr'ora limitava-se a manejar as armas e montar de gineté. Surry, perito n'isto, defendendo a honra das damas, em justas ou torneios, contra christãos, mouros, turcos ou gentios, não julgou inferior a si alistar-se na republica das letras. Surry estudou a fundo Petrarca; trago com avides as delicias do Parnaso, e, com Geraldina em vez de Leonora, tentou imital-o, conseguindo-o na pureza e elegancia de estylo dos seus sonetos. Foi elle quem primeiro escreveu verso solto.

Era filho e neto dos thesoureiros d'estado, duques de Norfolk. Desde a mais tenra idade deu provas de raro talento.

Nasceu em 1517, e foi educado em Cardinal's College. Em 1526 era copeiro-mór. Casou em 1532 com lady Frances Vere, filha de John, Earl of Oxford, e no mesmo anno assistiu ás esplendidas festas em Bolonha, por occasião da entrevista de Henrique VIII com Francisco I. Em Junho de 1533 assistiu á coroação de Anna Bolena. Tres annos depois foi creado cavalleiro, e tomou parte no processo da infeliz rainha; em 1540 distinguio-se nos torneios celebrados em honra do casamento de Henrique com Anna de Clèves; e acompanhou depois o exercito mandado a França. Em 1542 foi honrado com a ordem da Jarreteira, e no anno seguinte tomou parte na expedição, commandada pelo duque de Norfolk, contra a Escocia. As barbaras extravagancias d'aquelle tempozeram-no passar alguns dias na prisão de Fleet. Em 1546, sendo marechal de campo do exercito inglez, tomou a cidade de Bolonha, pelo que obteve a patente de capitão general. Na sua brilhante carreira succederam-lhe algumas desventuras: tentando interceptar um comboyo francez, foi derrotado pelo inimigo. O rei, n'um accesso de colera, fel-o substituir no commando por Hertford.

Enviuando, teve a audacia de pedir a mão da princeza Maria. Os Seymours, favoritos na cõrte, accusaram-no d'aspirar á corõa. Foi preso na torre de Londres em Dezembro de 1550, bem como seu infeliz pae; ignorando um a prisão do outro. Por um supposto crime, aos 13 de Janeiro de 1551, pereceram no patibulo sob o cutelo do algoz.

Um dos varios crimes, que os seus inimigos lhe imputaram, era terem no seu brasão parte das armas reaes; porém esta imputação foi desfeita pelos reis d'armas, homens rectos, que demonstraram que havia sido dada permissão aos seus antepassados para esse uso. A justiça vergava-se á vontade do rei; e este, por um capricho, sentenciou-os á morte. É mais uma noção no caracter de Henrique esta sentença, pela qual sacrificou dois homens sem provas claras nem falsas.

Perguntado Henrique por um cortesão ácêrca da causa da morte de Surry, replicou: «Vi n'elle um mancebo atrevido, de genio assás fogoso, difficil de subjeitar; ainda que eu o possesse dominar, julguei que nenhum successor meu o possesse fazer; eis a razão porque o despachei durante a minha vida.»

O rei poucos dias lhe sobreviveu.

Imprimiram-se as obras de Surry em 1557, 1563, 1574, 1583, 1587.

Continua.

F. E. PAYANT.

A ambição eleva os homens; a ambição os precipita.

A expulsão dos holandezes do Brazil (1615—1654).

Continuação.

II

Soccorros da Europa a uns e outros — Fim da guerra — Vae o inimigo a Bahia — Desastres — Regresso ao Recife — Soccorro de Portugal — Recuperação d'Angola — F. Barreto — Primeira victoria dos Guararapes — Dia em que teve logar — Um monumento a Vidal, Dias e Camarão — Considerações — Companhia de commercio — Morte do Camarão — Seu elogio — Brincke — Morro Oytieiro — Novo encontro — Segunda victoria dos Guararapes — Perdas do inimigo — Sua influencia.

O annunciado soccorro, que montava a uns tres mil homens, apresentou-se effectivamente diante da praça no 1.º de Agosto. Vinha á frente d'elle, para tomar o mando militar da conquistada colonia, o bravo Sigismundo Von Schkoppe.

Pretendo Sigismundo apoderar-se de Olinda; mas não o conseguiu, e foi constringido a retirar-se ferido em uma perna. Já então teve occasião de palpar a gente com quem ia lidar, e como differia ella, agora composta de muita tropa de linha, d'aquelles que em outro tempo havia vencido. — Tentou algumas saídas para o sul; mas não foi n'ellas mais afortunado, e voltou a encurrular-se no Recife ou praça Mauricia.

Desesperado então de conseguir resultados com estes ataques contra gente escolhida, e já tão aguerada, e animada por tantas victorias, julgou que daria um grande golpe, uma vez que tinha á sua disposição o mar, tentando um ataque maritimo á Bahia, depois de lhe dar um raque pelo norte, sobre o Rio de S. Francisco, por meio da occupação do Penedo, da qual foi incumbido o bravo Lichtardt, que pouco depois ali falleceu (30 de Novembro).

A expedição contra a Bahia se realisou com uma força de dois mil e quinhentos homens, que em mais de quarenta navios, chegaram a 8 de Fevereiro seguinte (1637); effectuando, sem a minima opposição, o desembarque na ilha de Itaparica, fronteira á cidade, e fortificando-se em um acampamento junto ao extremo d'esta na ponta da Balça, e perto do logar em que está a povoação denominada como a ilha. O acampamento foi reforçado com varias trincheiras, uma das quaes recebeu o nome do general, e outra o do conselheiro Van Beaumont, que provavelmente acompanharia a expedição. Os navios se espalharam pelo reconcao, tomando os nosos de commercio, e saqueando quanto encontravam a alcance de seus arpees.

O governador da Bahia, que se propozera manter na defensiva, não pôde conter-se em presença de tanta audacia. Vendo que o inimigo, ao cabo de tres semanas, não o atacava, quiz elle fazel-o; e liou a empresa do bravo mestre de campo Francisco Rebello, entregando-lhe mil e duzentos soldados escolhidos. — Em uma noite escura se embarcou toda essa gente, e vogando tão surdamente como poderam, atravessaram a Bahia, e foram varar na ponta do Manguinho, não longe do campo inimigo. Em vez de esperar um pouco até que raiasse a manhã, e podesse ver o que fazia, Rebello pensou surprender o inimigo atacando-o de noite; e, quando avançava, foi elle que se viu surpreendido; pois que, disparado o primeiro tiro, os nosos que não sabiam onde estava o inimigo, começaram a atirar uns aos outros, e Rebello caiu atravessado de uma bala, acaso das suas fileiras, e a sua morte serviu a todos de ordem de retirada. Fez-se esta em confusão, e de modo tal que a cidade não regressou nem metade da gente que havia d'ella saído na noite anterior. Esta foi a perda mais desigual que houve da nossa parte em todo o curso das luctas com os holandezes.

Felizmente que com a ausencia de Sigismundo, do Recife, cobravam os sitiantes tão decididas vantagens que o conselho politico o chamou ali á toda a pressa, e elle teve que deixar Itaparica, com os trophes d'esta victoria, que, com impaciencia, lhe foi levar o governador da Bahia ao proprio acampamento. O maior receio dos do Recife proveu de alguns

assaltos nocturnos que lhes fizeram os nosos, apoiados pelo mortifero fogo de uma nova bateria feita em Santo Amaro, a que os holandezes depois tomaram, denominando-a de Antamar ou Allanar, talvez por corrupção do seu primeiro nome.

Quando á cõrte chegou, pelo governador da Bahia, e por conseguinte atrasada, a noticia dos soccorros vindos aos holandezes em Pernambuco e depois da expedição á Bahia, tratou-se desde logo de preparar ali algum, retirando-se até para isso da fronteira do Alemtejo, onde bastante falta fazia, um terço ao mando de Francisco de Eigueiroa. Tudo, em meados de Agosto, se embarcou em Setubal n'uma armada ás ordens do novo governador conde de Villa Pouca d'Aguiar, que veio a tomar posse nos fins d'esse anno de 1647.

Alguns navios d'esta armada seguiram para o Rio de Janeiro, com Salvador Corrêa de Sá e Benavides que bem que já nomeado governador de Angola, ia feito capitão-mór do Rio, para nas provincias do sul preparar os mantimentos. No Rio, com o auxilio de oitenta mil cruzados de donativos que juntou n'esta ultima praça, preparou para socorrer Angola uma regular expedição, concorrendo elle á sua parte com quatro navios. Essa importante colonia d'Africa, principal viveiro de escravos para o Brazil, estava já quasi de todo em poder dos holandezes, senhores da sua capital, desde que haviam ficado quasi inutilizados os ultimos esforços feitos em 1643 para restaural-a, fallecendo, em Maio do anno seguinte, o governador do Rio, Francisco de Souto Maior, a quem fóra a empresa commettida. A nova tentativa foi mais feliz: Salvador Corrêa apresentou-se primeiro em Quicombo, a pretexto de que ia construir um presidio, atim de proteger os portuguezes que estavam disseminados pelo sertão; julgando porém favoravel o ensejo, fez-se de vela para Loanda, onde não havendo os holandezes querido entregar-se, desembarcou e os atacou bravamente, com o que os obrigou a capitular no dia 15 de Agosto de 1648.

Entretanto Barreto, escapando-se da prisão do Recife ao cabo de nove mezes, havia apenas tomado o mando das nossas forças, quando o inimigo, vendo sem fructo os seus bandos concedendo indulto áquelles dos nosos que se lhe apresentassem, se decidiu a tentar fortuna, emprehendendo em força de quatro mil e quinhentos homens uma campanha para as bandas do sul, analogá á que em outra occasião tão bem lhe havia provado. Suspeitoso d'este plano, o novo chefe assentou de tomar o passo, occupando uma posição vantajosa, da qual o mesmo inimigo não podesse passar sem primeiro o atacar. Ahalandando pois do quartel general do Arrayal novo do Bom Jesus, com dois mil e quatrocentos homens, se dirigiu a occupar essa posição, que era o boqueirão ou passo ou especie de istmo, que fica tres leguas ao sul do Recife entre os montes Guararapes e os alagados do mar, e que Barreto occupou apoiando a ala direita n'estes alagados impossiveis de tornear, e a esquerda nos montes fortes por natureza.

Sigismundo havendo batido na Barreta os nosos postos mandados por Bartholomeu Soares Canha, se apresentou no domingo da pascoela, 19 de Abril, á guarda avançada do nosso pequeno corpo d'operações, commandada por Antonio Dias Cardoso, que se foi retirando á proporção que o inimigo avançava. Confiou Barreto o governo das armas da ala direita a Vidal, tendo ás suas ordens o Camarão; e o governo da esquerda a Fernandes Vieira, com Henrique Dias por segundo; e do centro tomou elle o mando, ficando por seu immediato Dias Cardoso, com a pouca cavallaria dirigida por Antonio da Silva, e que devia acudir onde o exigisse a necessidade.

A acção geral começou pelo centro, accommettendo-nos o holandez com vigor. Esperamos os nosos, sem dar um tiro, até os ter muy perto, e só então desfecharam á queima-roupa, e avançaram logo com uma carga tão violenta, que o inimigo apenas tinha tempo para retirar antes de orgânisado. Logo pelos flancos accommettiam Vidal e Fernandes Vieira, e a acção se declarou decisiva durante muy pouco tempo, saindo d'ella ferido em um artelho o general inimigo e sendo mortos va-

rios dos seus melhores officiaes; — subindo a perda total dos vencidos a quatrocentos e setenta mortos e quinhentos e vinte tres feridos, contando-se neste numero quarenta e cinco officiaes fora de combate. A nossa perda se avallou em oitenta e quatro mortos e quatrocentos feridos, saindo intactos os principaes chefes. Vidal escapou; morrendo-lhe o cavallo que montava atravessado de uma bala.

Ficaram no campo muitos despojos de armas e munições, dezete bandeiras e duas peças de artilharia. Perdida esta batalha, Pernambuco seria talvez ainda hoje dos hollandezes. Assim não é muito que façamos votos para que algum dia se levante nos Guararapes um padrão, que pelo menos symbolise a memoria de tres brasileiros illustres, Vidal, Camarão e Dias, cada qual de diferente geração, que salvaram Pernambuco. A gratidão nacional pelos seus heroes é não só nobre como civilisadora. Sem o estímulo d'ella e das demais recompensas gloriosas, a heroidade e o desinteresse raramente: o culto de reconhecimento rendido á memoria dos cidadãos generosos que expozeram a sua existencia, ou o seu sangue, ou parte do seu ocio e melhor-estar de suas familias e seu, é não só justo e grato, como altamente politico. Favorecei, ao menos a memoria, de vossos heroes, de vossos escriptores, de vossos artistas, e a vossa nação terá artistas, terá escriptores e terá heroes. E se não podeis levantar padrões, e ao menos entretanto commemoraes os seus nomes pelos outros muitos meios de que dispondes: commemoraes esses nomes nos dos barcos de guerra, e até nos das proprias motrizes das vias ferreas.

Com esta victoria, a corte que já começava a vacillar por ceder de Pernambuco a troco da paz, na conformidade de uma proposta feita por um Gaspar Dias Ferreira, apoiada pelo padre Antonio Vieira em um memorial que denominou Papel Forte, sobreteve essa cessão, graças em maxima parte aos esforços do procurador da fazenda Pedro Fernandes Monteiro, que soube contra ella argumentar com o resultado d'esta primeira batalha dos Guararapes; insistindo em que o commercio se fizesse em comboys, creando-se para este fim uma companhia, como essa hollandezia que dominava em Pernambuco; — idéa que com applicação a todo o ultramar fóra já proposta pela corôa aos povos em Portugal por carta regia de 10 do Dezembro de 1624.

Em quanto os dois exercitos sebatiam no campo, os sitiados, vendo os nossos postos menos guardados, haviam conseguido tomar a importante bateria de Santo Amaro. Tambem entraram em Olinda; porém tiveram outra vez que desamparal-a. Seguiram-se dois pequenos ataques para as bandas da Barreta, aos quaes fez frente Henrique Dias (21 de Maio e 18 de Agosto), e poucos dias depois do ultimo chegava ao nosso campo, vindo da Bahia, o terço europeu de Francisco de Figueiroa. Quasi pelo mesmo tempo occorreu a morte do bravo Camarão, em resulta de doença. Seu sobrinho D. Djogo passou a substitui-lo no mando dos Indios.

D. Antonio Filippe Camarão (traduzindo-se este appellido do de *Poty* que levava como selvagem, e que significa o mesmo), unido á causa da civilisação desde o estabelecimento da capitania do Ceará, não cessara jámais de prestar serviços importantes, já contra os francezes na costa do norte, já contra os hollandezes na Bahia e em Pernambuco, já contra os proprios selvagens. Ao vê-lo no fim da vida tão bom christão, e tão diferente do que fóra, e do que haviam sido no matto os seus paes, não ha que argumentar entre os homens com superioridades de gerações; sim deve abysmar-nos a magia da educação, que, ministrada embora á força, opera taes transformações que de um barbaro prejudicial á sociedade, se pode conseguir um cidadão util a si e á patria. O illustre commendador Camarão era mui bem inclinado, commedido e cortez, e no fallar mui grave e formal; e consta que não só lia e escrevia bem, como que não era estranho ao latin. Era um typo do soldado modesto, que combate pela patria na idéa de não ter feito mais do que o seu dever.

Os nossos continuaram no arrayal prevenidos

sempre para acudir onde fosse necessario. Os inimigos cansados de soffrer privações, e de esperar debalde que os fossemos atacar nos entrancheiramentos resolveram sair a campo a buscar fortuna. Os do conselho, depois de apurarem quanta gente encontravam disponível, conseguiram organizar um corpo de operações de mais de tres mil e quinhentos homens; cinco terços de linha, tres companhias da maruja, duas de indios e duas de africanos. O mando d'este corpo, reforçado com uma bateria volante de seis peças, foi confiado ao coronel Van der Brucke, official de valor, e immediato a Sigismundo em graduação. Foi-lhe committido que tratasse de fealisar o plano antes intentado por Sigismundo de occupar o sul da provincia, prevenindo-se-lhe porém que se anticipasse d'esta vez a assenhorear-se do passo dos Guararapes, combatendo ahi á sombra das melhores posições os nossos se o investissem. Desempenhou Brucke taes ordens, e formando-se em nove columnas, occupou os montes Guararapes, apresentando, no dia 18 de Fevereiro de 1619, frente ao caminho por onde deveriam apparecer os que viessem do arrayal. N'esse mesmo dia levantaram campo os nossos, em numero de dois mil e seiscientos homens, e forçando a marcha para os Guararapes ahi chegaram pela tarde, descobrindo o inimigo do alto de um morro, já pertencente aos mesmos Guararapes, e denominado Oytiseiro, (*) em virtude d'algumas arvoredos dos fructos oytis que conteria. Alem dos terços de Vidal, Vieira, Figueiroa, das duas companhias de cavallaria, e das companhias dos indios e dos creoulos, reforçava os nossos um corpo de ordenanças de Pernambuco, do qual fóra por el-rei feito mestre de campo Antonio Dias Cardoso.

Da noite se aproveitou Barreto para melhor conhecer as forças e posições do inimigo, que ouvindo rebate por varios lados e receando durante ella ser a cada momento saltado, passou uma continua desvelada, em virtude da qual estava no dia seguinte fatigado. Ao romper a manhã do dia 19, que era uma segunda-feira, se achavam os dois exercitos frente a frente, separados por um valle, e corroando as alturas, de um e outro lado; os hollandezes confiados em que iam a ser atacados; e os nossos procurando provocal-os; e uns e outros seguros de que as posições se prestavam mais á defensiva, e sem quererem ceder esta vantagem aos contrarios.

Meros espectadores um do outro se conservaram os dois exercitos até depois do meio dia, quando, mais impaciente que o nosso, o chefe inimigo se resolveu a sair de uma tal situação. Mandou tocar a reunir; e desamparando as posições que occupava nas alturas dos Guararapes, se formou todo em columna, sobre a campina do boqueirão; naturalmente para d'ahi, passando a tornear as faldas dos montes, irnos investir pela retaguarda ou pelo flanco esquerdo. Mal havia apreciado a calma do general Barreto, seu adversario, tomando por apathia ou por irresolução o que não era mais que prudencia! Assim em quanto dava ordens para a marcha, julgando os nossos immoveis, fazia Barreto avançar todas as forças, e occupava com presteza as alturas abandonadas. Apenas Brucke o presentiu, quiz retroceder a occupal-as; mas já era tarde; e ao pretender reparar á força o erro que acabava de commetter, commettia um novo, travando a acção com desvantagens maiores do que as que evitara durante toda a manhã; pois que agora tinha a cavalleiro os contrarios. Vidal e Figueiroa, que estavam sobre a ala esquerda, desceram a carregar o inimigo, e o obrigaram a limitar-se ao amparo da sua artilharia a defender o boqueirão a pé firme. A nossa direita ahi os accommettia Fernandes Vieira, com Cardoso e a cavallaria, que avançando atravez dos alagados os ia tomar pelo flanco esquerdo. Quando a victoria parecia decidir-se pelo nosso lado apresentavam-se por mais de um ponto columnas do inimigo, que seguro da superioridade de suas forças, não temia derramal-as. Quatro peças de artilharia se assomavam vomitando fogo de um monte, apoiadas em um regimento de infantaria. Uma columna avultava negreando por certo caminho pelo qual não se esperava que estivesse alma viva. A

(*) O *Tireyro* se lê erradamente no «Portugal Restaurado», p. 709 da primeira edição.

acção se empenhou com todas as forças de um e outro lado, e sem ordens do general em chefe com os indios e creoulos no boqueirão, cada um dos mestres de campo acudia ao ponto ameaçado que via mais perto, com o zelo de quem combatia por si e pela patria. No meio d'esta confusão de combates parciaes, muitos d'elles corpó á corpo, que duraram até mui entrada a noite; foi morto o chefe inimigo e o seu immediato, e a custo podiam os subchefes contrarios saber a quem deviam obedecer, quando encontrando-se sem ninguém que os mandasse avançar, começaram por si a retrair-se, que quasi se converteu em fuga. Depois do uso das armas de fogo poucas batalhas se contaram onde fosse a derrota mais completa. Ainda ao cabo de tres dias se agarravam soldados hollandezes extraviados pelos matos e até pelos alagados, em que haviam estado mergulhados, como se conta de certo rei derrotado na antiguidade. A perda dos vencidos entre mortos e prisioneiros, na batalha e n'estes alcançes, foi de cento e dois officiaes, e novecentos e quarenta e quatro inferiores e soldados. A total da nossa parte foi de quarenta e cinco mortos e duzentos feridos, em cujo numero devemos mencionar o bravo Henrique Dias, que, pela terceira vez n'esta campanha, derramava o seu sangue pela patria. Ficaram em nosso poder muitas munições e bagagens, as seis peças de artilharia, e dez bandeiras das doze que traziam os contrarios.

Se a primeira batalha dos Guararapes servia a alentar a metropole para não ceder de Pernambuco, com esta segunda ficaram muitos estadistas da Hollanda desanimados da possibilidade de conservar esta colonia sem grandes sacrificios. Porém a hora da expulsão dos intrusos não havia ainda soado, e tardou perto de cinco annos a dar signal de si.

Recolheram-se os hollandezes ao Recife, e o sitio proseguiu. Os successos immediatos, alguns assaltos parciaes sem exito, varias sortidas com pouco effeito contra as nossas estancias, pequenas diversões intentadas por mar para buscar mantimentos; — tudo melhor se concebe com esta simples indicação, do que por meio de cansadas paginas.

Continua.

O URSO.

Este bravo habitador das florestas dos dois mundos, pertence, segundo Cuvier, á tribu dos plantigrados. É mamifero carnívoro e frugívoro, differenciando-se de todos os mais pelo característico de caminhar sobre as plantas dos pés.

Dotado de excellente vista, ouvido, olfacto, e tacto; de larga guela e terriveis dentes; com as patas armadas de cinco terriveis garras; lesto a despeito do seu pesado andar; robusto, corajoso, repellido os ataques com vigorosa furia — o urso seria, em razão da sua força, um dos mais perigosos quadrúpedes, se não tivera habitos de retiro e solidão, que o fazem evitar os logares habitados pelo homem, esse inimigo que o instincto lhe adivinha, e cuja presença basta a conturbal-o.

Buffon occupa-se mais especialmente do urso pardo dos Alpes, e dos Pyrneos, e do urso preto das regiões do norte da Europa, e da America. Ao primeiro descreve este autor como um animal feroz e carniceiro; e o segundo como frugívoro inoffensivo, vivendo de fructos e raizes qual um anacoreta, e preferindo ao sangue e ás carnes palpitantes, que poderia encontrar em seu caminho, alguns favos de mel furtados dos troncos das arvoreds ás abelhas que os produzem. Em apoio de tão favoravel opinião cita, além de outros testemunhos dignos de credito, o facto de que no Canadá e na Luisiania, quando a fome o obriga a sairem das florestas, não roubam das habitações senão o que uma ovelha ahi procuraria, não comendo nunca viandas! Buffon falla porém só de auditiva, e unicamente das especies inoffensivas da America, esquecendo os que habitam as regiões septentrionaes do novo mundo, de cor escura, que são terriveis e com razão bem temido pelos selvagens.

O comprimento do urso pardo, chamado egualmente *urso feroz*, é algumas vezes de tres metros. Sua agilidade e força são prodigiosas; e teemcoragem que raia em furia. É naturalmente sanguinario;



Ourso



Porta de S Paulo, e pyramide de Caio Cestio, em Roma.



Cidade de Coimbra.

destroe e devora grande quantidade de bufalos, e outros ruminantes que não podem resistir-lhe aos ataques; e quando a fome e as neves o expulsam das florestas, desce aos planos do sul, deixando alguns sanguinolentos vestígios. Os selvagens que lhe fazem uma guerra de extermínio bem justificada, quando matam algum, ficam feros da victoria ganha sobre tal inimigo.

O urso ordinario da Europa é do comprimento de um a dois metros, ou pouco mais, e pesa duzentos a duzentos e cincoenta kilogramas; não tem cauda, tem braços e pernas carnudas, quaes as do homem, conserva-se de pé, e caminha assim bem. Ferido pelo caçador, ergue-se sobre as patas trazeiras, como se buscara egualar-se com elle, e lutar braço a braço para o estrangalar entre as patas dianteiras, despedaçando-o com as garras e dentes. Caçado pelos cães não se levanta como n'aquelle caso, mas cada golpe das suas garras basta para pôr o assaltante fora de combate: Vê-se por isto que tão perigoso é para o homem falhar o golpe no urso como no leão. Comtudo nos Pyreneos francezes, onde este animal se encontra, ha gerações de intrepidos caçadores de ursos, que constituem uma nobreza local a que se presta homenagem, porque é a coragem sem ostentação.

O urso busca a solidão. Cavernas, grutas, buracos nos troncos de velhas arvores, nos logares mais impenetraveis das florestas lhe servem de asylo. A falta de architectos e obreiros constroem elle a sua morada com os ramos que ajunta, e edifica a sua casinha cobrindo-a artisticamente de hervas para impedir que a chuva ahi penetre. Durante os tempos rigorosos do inverno, o urso fica, por mezes inteiros no seu asylo, entregue a uma especie de entorpecimento, nutrido-se do succo leitoso que lhe produz a planta dos proprios pés; e somente sae fora quando está muito esfaimado. Este entorpecimento, que não se nota no urso domestico, não se assimilha porém á lethargia dos animaes que hibernam. Na Luisiania e no Canadá, segundo Buffon, é nas tocas das arvores seculares, e na elevação de dez a treze metros, que o animal se aloja, o que comtudo não obsta a que o homem ahi o vá procurar lançando fogo á arvore. Mata-se então o urso quando desce; e se é femea, que tem cria, é ella a primeira que desce, e quando morta ficia é agarrar os filhos.

Na Europa nos mezes de Junho e Julho é para o urso a epoca do cio. Depois da copula o macho e a femea separam-se; e esta, quando no inverno tem a cria, que consta de quatro ou cinco filhos, prepara-lhes o berço com hervas e musgos. Se o macho os descobre, procura devoral-os, mas a femea, que é tão ardente na defensão dos filhos como o foi na satisfação das suas paixões amorosas, pugna por elles energeticamente. Quando ainda os amamenta, ou já elles a seguem na primavera, á similhaça de todas as mães na grande familia dos animaes, é mais terrivel e feroz do que em epoca nenhuma.

Vivem estes animaes de vinte a vinte e cinco annos. Sua pelle é muito procurada; e a carne é estimada por alguns gastronomos, que glorificam, no ponto de vista culinario, os pés e bifés de urso. A dos ursos ainda de leite é boa e delicada. O urso en-gorda muito, o que lhe permite grande abstenencia, e nadar com muita facilidade. Derretendo-se-lhe a gordura, segundo diz Buffon, obtinha-se na Luisiania azeite similhante ao da oliveira, e tão bom como elle, e bem assim unto equal ao do porco. Hoje não se ouve fallar em banha de urso senão aos cabelleireiros, que a apregoam como panacea capillar.

O urso não imita só o homem em se levantar sobre as patas trazeiras; tambem como elle dá seu sóco, levanta do chão e arremessa contra o adversario pedras e o que encontra, quando açodado. E' portanto, mesmo no estado selvagem, um animal dotado de grande intelligencia; e ainda que não tenha habito de obedecer ao medo, e de fugir ante qualquer ataque, examina com grande circumspecção e extremo cuidado, antes de se aproximar, qualquer objecto que não conheça. Agarrado novo, e reduzido á domesticidade, habitua-se a andar em pé, e saltar a compasso. Em França, os habitantes da communa de Oston tem o incontestado privilegio da educação dos ursos: em Java, Sumatra e Borneo, os malaios tão perfeitamente os educam, que se ensober-

becem da agilidade e cabriolas que ensinam a estes discipulos.

O animal, quer livre ou captivo, é muito irritavel: um simples capricho o encolerisa; e então lança um grunhido rouquenho, a que segue grosso murmurio acompanhado de ranger de dentes. Para provocar tão perigosos accessos de colera, basta bater-lhe na ponta do focinho, ou tocar-lhe em certas partes do corpo.

A cidade de Coimbra.

Continuação.

Está Coimbra situada no coração do reino, na provincia da Beira, trinta e duas leguas distante de Lisboa para o norte, e dezoito do Porto para o sul.

Sentada á beira do Mondego, parte em terreno chão, parte subindo em amphitheatro pelo dorso de um monte, ao qual fazem vistosa coroa alguns dos seus melhores edificios, e os arvoredos das margens do rio, dando belleza e realce a este quadro já de si tão formoso, esta cidade sobreleva a todas as suas irmãs pelas graças exteriores, que ostenta.

Nenhuma outra apresenta como esta, a quem de fora a contempla, mais nobre e risonho aspecto. Aquelle throno de casaria, alvejando por entre verdura, parece disposto por mão de artista para o mais bello effeito da perspectiva. Quasi todos os principaes monumentos da cidade estão collocados como em exposição. que só tivesse por fim o adorno do painel. As paizagens d'entorno são como as mais lindas e amenas, as mais pittorescas e variadas, que podem crear a imaginação de um pintor, e a phantasia de um poeta.

Vista por dentro, verdade é, varia muito o quadro. As alegrias exteriores quasi se convertem em tristeza, porque a maior parte da cidade, principalmente a baixa, é cortada de ruas estreitas, tortuosas, e immundas, e guarnecida de casas de apparencia desagradavel. Todavia o viajante fica bem pago d'este desgosto ao entrar em algumas ruas e praças, amplas e orladas de bons edificios, e ainda mais indemnizado se julgará, visitando tantos monumentos, que ahi se erguem, ricos d'arte e de tradições historicas, e venerandos por sua antiguidade e origem.

D'entre as melhores ruas de Coimbra sobresae a *Sophia*, que dá entrada na cidade a quem vem pela estrada do Porto. E' toda plana, mui larga, bem macadamizada, e guarnecida de ambos os lados em toda a sua extensão, que não é pouca, de passeios ligeados, e diversos templos, e grandes edificios, que foram conventos das extinctas ordens religiosas, em que entrava o antigo palacio da inquisição, e que se vêem agora quasi todos transformados em casas de habitação particular, de boa e regular apparencia.

As praças principaes são quatro: a da *Universidade* e a da *Feira* no sitio mais alto da cidade; a de *Sansão*, e a chamada por antonomasia *Praça*, situadas no bairro baixo. A primeira é circundada por todos os quatro lados dos bellos edificios da universidade. Na segunda erguem-se a cathedral, o esplendido edificio do museu e aulas de sciencias naturaes, e o grande palacio do governo civil, outr'ora collegio dos conegos seculares de S. João Evangelista. A terceira, que é a mais pequena de todas, basta-lhe para adorno e nobreza o magnifico templo e mosteiro de Santa Cruz. A quarta é o grande mercado, aonde a povoação se vae abastecer diariamente de pescado, hortaliças, fructas etc.

Nenhuma cidade de Portugal, proporcionalmente, conta tantos edificios religiosos como Coimbra. A cathedral, dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, é um templo vastissimo e grandioso. Era a igreja do collegio dos jesuitas, fundação d'el-rei D. João III, e que depois da extinção d'esta ordem em 1759 passou a servir de cathedral. Possui um precioso thesouro de reliquias e de alfaias.

A sé velha é um dos mais antigos e curiosos monumentos do nosso paiz. Não é agora occasião de pesar opiniões sobre a sua origem. Quasi todos os nossos escriptores attribuem aos godos a

sua fundação. Todavia ha quem, com argumentos muito plausiveis, a julgue obra dos principios da monarchia portugueza. Tanto exterior, como interiormente mostra architectura de epochas muito diversas. Encerra algumas obras de bastante primor, e varios sepulchros de muita antiguidade. Actualmente é uma das parochias da cidade, com a invocação de S. Christovão.

A igreja de Santa Cruz, que pertenceu aos conegos regrantes de Santo Agostinho, é um grande templo em que se admiram tres obras d'arte de singular excellencia e perfeição: o pulpito, de pedra, todo coberto de delicadissimas esculpturas, e os sumptuosos tumulos dos dois primeiros reis de Portugal, D. Affonso Henriques e seu filho D. Sancho I. Foram mandados fazer por el-rei D. Manuel, que tambem reedificou o templo e o mosteiro, cuja fabrica primitiva se deveu a D. Affonso Henriques. A sacristia é muito rica, e mais moderna. No mosteiro, em que ao presente se acham o correio e outras repartições, ha dois claustros muito antigos e curiosos. A cerca d'este mosteiro, hoje propriedade particular, é um bello ornamento de Coimbra. Os seus bosques seculares, as suas cascatas, jogos da bola, e especialmente o seu immenso lago, cercado por altas paredes de cedro, dão-lhe nomeada em todo o reino.

O convento e igreja de Santa Clara, habitado ainda ao presente por freiras franciscanas, é obra grandiosa dos reis D. João IV e D. Pedro II, que o mandaram edificar do outro lado do Mondego, na encosta de um monte fronteiro á cidade, em consequencia de se achar o antigo convento, cujas ruinas se vêem junto da ponte, meio enterrado pelas areias do rio, e a todo o momento inundado pelas suas aguas. No altar-mór da sua bella igreja está o corpo inteiro da rainha Santa Isabel, mettido em um sepulchro de prata. No côro de baixo, que fica em frente da capella-mór, vê-se o magnifico e antigo tumulo de pedra em que outr'ora esteve depositada a santa rainha. E' todo ornado de esculpturas, e figuras em alto relevo, tendo sobre a tampa a estatua d'aquella princeza.

Iriamos muito longe se houvessemos de mencionar todos os templos de Coimbra, onde quasi todas as ordens religiosas possuam collegios para os seus membros que frequentavam a universidade; collegios que pela maior parte eram grandes conventos. O de S. Bento, acabado em 1689; o dos freires de Christo, fundado por D. João III; o dos loios, começado em 1631; o de S. Bernardo, edificado pelo cardeal rei; o de Nossa Senhora da Graça, construido em 1543; o dos freires de S. Thiago, e de Aviz; o de S. Jeronymo; o dos jesuitas, fabrica de D. João III; o de Nossa Senhora do Carmo, fundado em 1542; o de S. Domingos, levantado em 1547; o de S. Francisco, fundado primitivamente pelo infante D. Pedro, filho de D. Sancho I, e depois reconstruido, e o collegio novo, dos conegos de Santo Agostinho, são os principaes.

O mosteiro das freiras de Sant'Anna, primeiramente edificado junto ao rio, que o alagou e destruiu, e depois mudado para logar alto, é tambem um grande edificio, bem como o seminario episcopal, e o paço do bispo.

Tem a cidade nove parochias, que se intitulam Nossa Senhora da Assumpção (sè); S. Christovão; Santa Justa; S. Bartholomeu; o Salvador; S. Pedro; S. João de Almedina; Santiago; e S. João da Cruz. A igreja da misericordia está fundada sobre a abobada da parochia de Santiago, deitando a porta principal d'esta para a praça do mercado, e a da misericordia para uma rua que passa pelas costas d'aquella, em altura muito superior ao pavimento da praça.

O hospital de Coimbra é fundação d'el-rei D. Manuel. Ha n'esta cidade casa d'asylo para a infancia desvalida, um recolhimento de mulheres etc. Continua.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Seríamos mais caridosos, e menos criticos dos defeitos dos outros, se, antes de os censurar, os pozessemos em paralelo com os nossos.

A injuria é recurso de quem não tem educação.

Uma revolução na Índia portuguesa.

II

Memória ou relação das principaes causas que produziram em Goa as revoluções que aconteceram para se estabelecer n'aquella provincia o projecto do regimen politico de administração, indicado pelas bases da constituição de 1822. Escripta pelo general Marinho, em Lisboa a 3 de Fevereiro de 1853.

ACONTECIMENTOS CRITICOS PORQUE PASSEI DURANTE O TEMPO QUE SERVI NA INDIA PORTUGUEZA.

Continuação.

Cheguei a Pondá das duas para as tres horas da manhã: achei o meu honrado, e o mui bravo coronel Calado, commandante da legião a esperar por mim: recebeu-me com o melhor acolhimento e agrado, dizendo-me: «Estimo muito conhecê-lo pessoalmente: em quanto aqui estiver hade ser meu hospede: ali tenho uma casa minha para estar á sua vontade; não precisa bagagem, aqui ha tudo o necessario para um soldado.»

Em quanto estive em Pondá fui seu hospede, e tratou-me sempre cavalheirosamente.

Tomámos chá segundo o uso da Índia: depois disse-me: «Vá-se deitar n'aquelle quarto, que hade estar cansado, e adeus.»

Demanhã almoçámos; os officiaes da legião que estavam n'aquelle aquartelamento vieram visitar-me: sem exceptuar algum todos me trataram mil vezes bem, e dentro em oito dias eu tinha na grande legião de Pondá tanta influencia ou mais que no meu regimento.

Nunca na minha vida vivi com tanta consideração e satisfação como em quanto estive em Pondá: o conde de Rio Pardo, foi sabio em dar o golpe mortal na sua vida politica.

Recebi logo cartas de Pangim de pessoas do meu regimento que diziam: «No mesmo dia, em que o meu tenente-coronel foi mandado para Pondá, o regimento foi destrogado: ficaram os musicos, e aquellos que se julgaram inuteis; a polvora e a bala foi toda para o arsenal; não ha nem um cartucho, nem uma bala para uma peça de tres: hoje chega aqui o batalhão de caçadores de Bicholim do tenente-coronel Agostinho José Lopes para ter sentido n'estes farrapos de gente: o brigadeiro Brando nunca mostrou tão pouco juizo, e tanto susto; se esta situação não mudar cedo, de certo morre, porque elle não pode com os cuidados, e recheios que tem.

O pobre general cujas verdadeiras armas eram duas bem torneadas baquetas d'ahi a pouco tempo ou dias morreu e subitamente, ou quasi.

Este golpe politico do conde de Rio Pardo recohetou immediatamente contra elle, e contra o seu brigadeiro das baquetas, porque todos entraram a recear, que lhes acontecesse o mesmo que a mim, e então o partido constitucional, que até ali não passava de um partido escolar para palavrear, tornou-se rapidamente em um partido conspirador, e todos entraram a conspirar por sua conta, sem chefe, sem centro, sem programma, e sem união, tendo todos só por fim o livrarem-se dos impetos ou caturriceos do conde de Rio Pardo.

Esta minha deportação sem especie de motivo algum, e justo, deu-me immediatamente grande influencia, e consideração no exercito de Goa, para a qual não trabalhei.

O conde de Rio Pardo estabeleceu logo os seus espiões em Pondá, porém inutilmente, porque todos os seus espiões zombavam d'elle, dizendo-me o que elle lhes mandava determinar: muitas vezes divertiam-se com elle; para o fazer zangar diziam-lhe, que eu lhe chamava a velha de Dio, e que por zombaria lhe fazia saudes de baixo d'este nome, o que era absolutamente falso.

Como o conde de Rio Pardo já não era respeitado, e se temiam as suas iras, todos queriam a sua destituição: as cartas recresciam todos os dias em Pondá, e eu mostrava todas ao meu mui digno amigo o coronel Calado.

Uma manhã vindo-me, impressos no Rio de Janeiro, dois decretos do senhor D. João vi, em que

sua magestade determinava que todos os portuguezes adherissem ás instituições politicas proclamadas em Portugal, elle depois de ler as cartas, e os decretos disse-me: «Isto é de mais, já não tem geito; é preciso não perder uma hora; vá já a Goa, tem lá um destacamento de trezentos homens da legião; marche com elle sobre Pangim; uma as companhias de granadeiros portuguezes, o batalhão de caçadores do bravo Agostinho José Lopes, e os restos d'artilharia, cerque o palacio, deponha aquelle homem, que está a promover desordens, e faça que nomeem um governo que se entenda.»

De Goa a Pondá são oito leguas portuguezas com seus embarços: marchei immediatamente com a respectiva guia para o hospital militar de S. Pedro de Goa onde cheguei junto a noite.

Logo todas as pessoas liberaes me instaram para que eu não perdesse nem um minuto: ás dez horas da noite do outro dia fui a Goa ao quartel aonde estavam os trezentos homens de Pondá, tomei o commando, e marchei sem perda de um segundo sobre Pangim: de Goa a Pangim são tres leguas, e havia no meio do caminho um destacamento de cento e sessenta homens commandados por um capitão, D. Antonio da Silveira, aldrubio do conde de Rio Pardo; abusei da pouca intelligencia d'este official, e fiz que elle se pozesse de baixo d'armas em observação aos doentes do hospital.

Continua

A porta de S. Paulo e o tumulo de Caio Cestio em Roma.

Não ostenta a porta de S. Paulo a grandeza de outras, que dão entrada na capital do mundo christão. Singela e tosea, denegrida pela mão do tempo, e flanqueada de muralhas anciadas, apenas avulta pela veneração, que inspira a antiguidade, e pelo interesse de muitas memorias historicas.

Proximo d'esta porta ergue-se a celebre pyramide de Caio Cestio. Este homem, cuja obscuridade o condemnava a ser pouco lembrado na vida, e a ficar em completo esquecimento depois da morte, resolveu eternisar o seu nome, á falta de acções gloriosas, por meio de um monumento sepulchral, que por sua solidez podesse affrontar o correr dos seculos sem vergar a frente; e que pela singularidade da sua estrutura atrahisse sobre si a attenção e curiosidade de quantos o vissem. E a vaidade do romano conseguiu o seu fim.

Roma, a cidade dos monumentos levantados por tantas gerações no discurso de tantos seculos: padroes, que commemoram successos de tão differente natureza; e que representam tão diversos typos d'architectura; Roma, que se vangloriava no tempo dos Cesares de ter por adorno soberbas obras d'arte das nações, que antes d'ella mais se tinham avantajado nos progressos da civilisação, não possuia nenhum monumento similhante ás celebradas pyramides do Egypto. Portanto Caio Cestio, levantando para sua ultima morada aquelle tumulo colossal, unico no seu genero, alcançou legar o seu humilde nome á posteridade.

Caio Cestio tinha um emprego a que em Roma se dava o nome de *epulon*, e que consistia em ordenar e dispor os banquetes dos deuses. Era uma especie de mordomo do summo pontifice do paganismo. As grandes funcções, cujo preparo lhe era incumbido, e ás quaes presidia, tinham logar nos templos, e eram offerecidas aos deuses ou para conjurar quaesquer calamidades, ou em agradecimento de victorias e outros beneficios publicos.

Erão os deuses os unicos convidados para o banquete. Jupiter, como rei do Olympo, tinha o primeiro logar junto da mesa, reclinado em magnifico leito. Os outros deuses e deusas estavam sentados em simples escabelos; e Hercules e Adonis em pé, como menos graduados.

Reinava n'estas festas a maior sumptuosidade, o mais requintado luxo, como o pediam a grandeza e vaidade da poderosa senhora do mundo, que dava a funcção, e a honra dos deuses diante de quem se prostavam humildes os orgulhosos romanos. Mas visto que os convivas nada comiam das abundantes e preciosas eguarias, que lhes eram offerecidas, parece que tudo revertia, depois de ac-

bada a cerimonia, em proveito do mordomo do palacio olympico.

Como na antiga Roma ora brilhava a gloria, excitando os enthusiasmos populares, ora pairava o terror sobre a cidade, comprimindo os corações supersticiosos dos seus moradores, aquelles banquetes, já se vê, eram muito amiaudados. Assim pois juntou Caio Cestio uma grande fortuna.

Não tendo aspirações elevadas, nem uma alma nobre, não soube dar á sua riqueza nenhuma das applicações, que, immortalizando um nome, fazem bemquista e respeitada uma memoria. Guiado tão sómente por uma ridicula vaidade, hoje em dia-tão commum; erigiu um mausoleo para guarda dos seus restos mortaes; egual na forma a-essas grandiosas pyramides, que asoberbam os desertos do Egypto, e que occultam em seu seio as illustres cinzas dos Pharaós. Caio Cestio incumbiu pois ao monumento de conservar e perpetuar um nome e uma memoria, que, sem o padrão de pedra, teriam passado desaperecidos sobre a terra, para d'ahi se abysmarem no cahos do esquecimento eterno.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Memorias do coração.

ROMANCE-HISTORIA.

X

Continuação.

Á carta inesperada em que Maria felicitava Eduardo pelo feliz resultado da sua composição; dissemos que Eduardo respondera sobranceiro, o como quem tinha experimentado ao lè-la unicamente espanto sem interesse. Maria, que apesar da sua prohibição esperava alguma resposta, reconheceu a imprudencia do seu procedimento, e acreditou por instantes que Eduardo não vira n'aquella carta mais do que a felicitação sincera da amizade; em breve porém se convenceu do contrario. Eduardo, talvez arrependido de não ter aproveitado como devia aquelle momento para encetar a terceira epoca de correspondencia, pedia-lhe agora como amigo um pequeno penhor d'essa amizade de que Maria lhe fallava — um anel.

— E' tão pouco... Devo recusar-lhe este penhor de amizade, Violante?

— Se o coração t'o pede muito...

— Confesso. Pede... alguma coisa.

— N'esse caso... mas determina-lhe que não inste mais! E' preciso que Eduardo se convença que estas relações te compromettem com todos, porque todos as desaprovam sem reserva, começando por mim!

— De que nos serve n'esta vida um amor assim?

— Que perdes tu suffocando-o? quanto ganhas dando-lhe ouvidos? De um lado a amizade de tua mãe, a quem deves, por muitos motivos, subjeitar a tua escolha: de outro, um homem sem fortuna, um rapaz, é verdade... mas sem futuro algum!

— Pois bem: dou-lhe o anel, e corto para sempre a nossa correspondencia.

Eduardo recebeu em breve aquelle penhor de amizade, e mais uma vez se admirou da contradicção que revelava, a seu respeito, o espirito de Maria.

Escreveu-lhe:

«Maria. — Resignado com a desgraça de te perder, de ser por ti esquecido, ausentei-me e procurei tambem esquecer-te. Desligava pouco a pouco do passado as idéas; e volvia o pensamento a sondar o futuro! Tinha encarado a vida debaixo de um ponto de vista material; não acreditava já que as minhas esperanças de outr'ora fossem realisadas; e, sem te offender, ajuizava do teu amor como de um sonho de creança. Seis mezes de ausencia tinham-me curado das illusões. Já não soffria: tanto me acostumara a considerar a força da realidade! E agora, com que direito vieste acordar de novo essas illusões, se confessas que me não amas?! Interpretei eu mal o sentido da tua carta, e das tuas acções? talvez!

(?) Do ann. 11

«Uma mulher escreve a um homem para lhe dizer que não lhe corresponda! Concede-lhe uma trança de cabelo, para lhe explicar que o não ama! Dá-lhe um anel, symbolo d'alliança, para que fique entendendo que tudo acabou! Será isto assim? Seria d'este modo que eu devia ter interpretado o verdadeiro sentido do teu procedimento?»

«Mas eu desculpo-te, porque te amo ainda muito! Se nas tuas cartas adivinho o conselho de uma amiga tua; nas tuas acções reconheço o impulso do teu nobre coração! Pretendem umas convencer-me de que és inspirada por um simples sentimento de amizade; dizem-me outras que mais íntima e terna é a causa que te move: mas tens porventura a certeza de que eu deje a amizade de que me fallas? Saberá a tua amiga explicar-te como seja possível contentar-se com a tua amizade de aquelle a quem já confessaste o teu primeiro amor? Seis annos de espera davam-me direito de acreditar que a tua confissão fosse verdadeira: não foi. Depois de um período não pequeno de ausencia, as palavras que me mandaste pela bocca de Elisa também me davam o direito de crer que fallavas verdade em relação ao passado, que em vão pretendeste varrer da memoria: mas em breve desmentiste essas palavras! Agora, finalmente, esta carta que me escreveste sem motivo reconhecidamente razoavel, esta, por assim dizer, terceira confissão, tão espontanea como as duas primeiras, será porventura ainda tão falsa como as outras?»

«Entendia que me tivesses despedido; que tivesses preenchido porém toda a minha existencia, vindo de repente, quando eu menos te esperava, dizer risonha ao esquecimento que te respeitasse, e ao meu coração que te adorasse, Maria, para um dia me abandonares sem causa, ceifando de relance todas as esperanças a que me tinhas autorizado...»

«Nunca te persegui; nunca, sequer, te fallei do meu coração, em quanto não tive certeza do sentimento que te merecia. Quanto mais esquecido me julgava do teu espirito, tanta mais altivez sustentava junto de ti. Nem uma palavra! nem um olhar supplicante! Mas se eu julgava que não devia sollicitar um amor que se me recusava, entendendo agora que não devo ser o ludibrio d'esse sentimento, que por tres vezes me confessaste, em diferentes epochas, e ao qual sinceramente tenho correspondido! Amemo-nos, ou esqueçamos tudo... para sempre!»

Tendo Eduardo escripto estas ultimas palavras —aquelle para sempre fatal que podia ser applicado ao esquecimento— quasi que não teve força para metter a earia no sobrescripto; mas o seu espirito estava na verdade cansado de similhante lucta. Quando as nossas aspirações attingem o ponto mais alto a que o pensamento pode elevar-se, urge sacial-as ou destrui-las, tanto a esperança é então um tormento superior ás nossas forças!

Continua.

ALFREDO HOGAN.

Alva Estrella.

DRAMA EM CINCO ACTOS

Por José da Silva Mendes Leal Junior.

Continuação.

SCENA XI.

D. BRITALDO volta de acompanhar os seus. ALVA cae de joelhos pouco distante da porta dos seus aposentos. D. BRITALDO encara n'ella, suspende-se, e vae erguel-a.

D. BRITALDO — Agradece a D. Giral o teu perdão, filha...

ALVA (pallida no auge da turbacão e angustia) — Oh! mesquinha de mim, senhor pae, que a tanto desamparo vim, que nem esse perdão da vossa alma vos posso já agradecer! Ouvi tudo, senhor. Quero antes a morte.

D. BRITALDO — Que desvario é esse! Pois que mais podes tu desejar?...

ALVA — A morte, senhor, a morte fóra melhor

beneficio... Não me caseis com aquelle homem, que o não amo... E' outro, é outro o que...

D. BRITALDO (baixo) — Outro!... (restrugindo) Outro, disseste?... (leva da espada) Quem é?

ALVA — Oh! matae-me, senhor, matae-me, que é piedade... Esse D. Mendo não lhe quero... não estava aqui por mim.

D. BRITALDO — Por quem então? ... por Bertha?... Tudo a um tempo!... (indo para os aposentos) Bertha não é minha filha!

ALVA (atrassando-se-lhe diante) — Que fazeis, senhor, que fazeis?

D. BRITALDO — Vou mata-l-a!...

ALVA — Mata-l-a! (duvidosa) Mata-l-a!... Oh! senhor, não vêdes como dorme no meio d'estas angustias? Olhae que santo repouso... Não, D. Mendo não estava aqui por ella...

D. BRITALDO — Era então por ti? (Alva cala-se, D. Britaldo dá um passo).

ALVA — Jesus, senhor... perdoae...

D. BRITALDO — D. Mendo estava aqui, estava contigo, e é a outro que tu queres... Creio que disseste, que amavas outro. (fazendo-a cair de joelhos) Quem é? quem é?

ALVA — Ah! senhor, perdoae... perdoae-me tirando-me a vida.

D. BRITALDO — Quem é?

ALVA — Não foi culpa de nossas almas...

D. BRITALDO — Quem é?

ALVA — Matar-me-heis depois. Mas perdoae a... a Sísando!...

D. BRITALDO — Sísando!... Sísando Oyris de Riba-Dão!... Seja em tudo feita a vossa justiça, Deus Senhor... Alva, a minha filha, a filha de Riba-Côa namorada assim de... A minha filha!... E D. Mendo, D. Mendo, Alva?... Por Sísando te morres, e D. Mendo estava aqui... A que extremo grau de vileza chegaste!... Que dirá Coimbra?... E eu que queria matar D. Mendo... Agora já não... Não vales a pena.

ALVA — Mas a mim, sim... Matae-me, senhor... é misericordia!

D. BRITALDO — E eu com a alma cheia de perdões! Como te heide agora castigar, Alva?... (longa pausa. D. Britaldo medita; Alva soluça a seus pés) Erguei-vos, senhora. Dentro em poucos minutos sereis mulher de D. Mendo!

ALVA — Ah!

D. BRITALDO (á porta) — Que me chamem aqui D. Giral! Castinaldo que venha, e que tome as suas armas.

ALVA — Não era melhor matar-me?

D. BRITALDO — E que diriam esses que te viram aqui ao lado de D. Mendo? E a minha vergonha!... E a minha fama arrastada ahí pelas Hespanhas!... Não... Será o castigo de ambos... elle pela negra acção que intentou... tu pela infamia a que chegaste.

ALVA — E não poder eu morrer aqui já?... (erguendo-se) Heide morrer!

SCENA XII.

OS MESMOS, D. EGAS, D. GIRAL.

D. BRITALDO — Está tudo prompto?

D. GIRAL — Tudo. Mas o abbade allega difficuldades... Affirma que tão rapido...

D. BRITALDO — Quero eu: não ha difficuldades. E D. Mendo o que diz?

D. GIRAL — Que seja qual fór o castigo ou sacrificio que a vossa justiça lhe imponha, está prompto a pagar por preço de cavalleiro o custo da sua imprudencia.

D. BRITALDO — Bem. (entrega-lhe Alva) Levaelha... O seu castigo é este!... (saem: Alva volta a ajoelhar aos pés de seu pae).

ALVA — Irei eu a esta maldição sem a vossa benção, meu pae?

D. BRITALDO — Seccou-se-me no coração a piedade... Já não tenho filha!

ALVA (curvando a cabeça vae a sair; ao passar junto aos aposentos de Bertha, sem poder conter-se brada afogada em soluços) — Bertha! Bertha!

D. BRITALDO (detendo-a) — Quereis publicar a todos a vossa infamia?

ALVA (resigna-se, á parte) — Sísando saberá amanhã porque morri mulher de D. Mendo. (sae).

SCENA XIII.

D. BRITALDO, depois CASTINALDO.

D. BRITALDO — Está esgotado o calix, oh Deus! Que mais fel me podereis vós dar?

CASTINALDO (armado) — Chamastes-me, senhor?

D. BRITALDO — Cavalga, Castinaldo, montea por todas as terras de Hespanha... revolve por toda a parte... não pares, não descanses, sem ver o rosto a Sísando Oyris.

CASTINALDO — Ou qualquer de Riba-Dão?

D. BRITALDO — Não: a elle só. Que morra.

CASTINALDO — E porque hade ser elle, e não outro?

D. BRITALDO — Eu t'ó direi... em estando concluido aquelle casamento.

CASTINALDO — Bem hajaes, senhor. A severidade da vossa justiça vos absolverá da fraqueza do vosso perdão. Eil-os ahí.

D. BRITALDO (a D. Giral, que entra) — Casados? Continua.

Miscellanea.

A garabulha que segue é a assignatura do sultão Abdul-Medjid. E' de suppór que sua alteza tenha tanta facilidade em fazer a tal garatuja, como nós temos em assignar o nosso humilde nome.



Pergunta.

Quando é que o homem deve os cabellos da cabeça?

Continua a relação dos professores a quem é remettida a Illustração, e a quem pedimos o favor de nol-a accusar recebida.

DISTRICTO DE BRAGANÇA.

Concelho de Bragança.

III.ªs Srs.

Izeda — João dos Santos de Sousa Cordeiro.

Dito de Mogadouro.

Azinhoso — Francisco Xavier das Neves.

Dito de Moncorvo.

Carviças — José Maria Esteves da Guerra.

Dito de Villa Flor.

Freixiel — Alexandre José Fernandes d'Abreu.

Dito de Vimioso.

Caçarelhos — José Maria Bartholomeu.

Dito de Vinhaes.

Santalha — Manuel Osorio Gonçalves.

DISTRICTO D'ANGRA.

Concelho d'Angra.

Ribeirinha — João Benicio Rebello Bacellar.

Dito de Calheta.

Tópo — João Marcellino Vieira da Costa.

Dito da Praia da Victoria.

S. Pedro de Biscoutos — Padre João Guilherme da Costa.

Dito de Santa Cruz.

Santa Cruz — Manuel de Bettencourt Torres.

Dito de Vellas.

Vellas — Joaquim Aurelio do Canto e Silva.

Urzelina — Francisco José da Costa.

Continua.